

Dr. Robert Vannoy , História do Antigo Testamento, Palestra 19

© 2012, Dr.

Arqueologia, Período Patriarcal

Arqueologia e História Bíblica

Estávamos discutindo o papel da arqueologia na avaliação de declarações históricas na Bíblia. E eu queria enfatizar duas coisas: primeiro, as evidências arqueológicas são muitas vezes provisórias no que diz respeito à interpretação das evidências. Na verdade, essa foi a segunda coisa. A primeira coisa foi o caráter fragmentário dos resultados dos achados arqueológicos.

Natureza provisória da interpretação de dados arqueológicos Estávamos no meio de uma conversa sobre a natureza provisória da interpretação de dados arqueológicos, e eu tinha acabado de apresentar a vocês a questão da mina de cobre de Salomão e a área de Ezion-Geber e o estudo do evidência de Nelson Glueck . Ele estava procurando o porto marítimo de Salomão em Ezion-Geber , mencionado em 1 Reis 9:26. O Rei Salomão fez uma marinha de navios em Ezion-Géber . Glueck não encontrou nenhuma evidência disso, mas encontrou evidências de fundição de cobre. Ele encontrou um edifício que concluiu ser uma fornalha de fundição ou uma refinaria. No prédio havia salas que tinham duas fileiras de buracos nas paredes. Ele concluiu que esses buracos eram plumas com as quais uma corrente de ar era puxada para dentro da sala para fundir o minério de cobre. A localização do edifício era tal que recebia a força do vento que descia pelo vale de Arabah, vindo do norte. Portanto, o edifício poderia ter sido movido um pouco para um lado ou para o outro, e teria mais proteção; não teria recebido toda a força desses ventos. Concluiu-se então que ele foi colocado ali para reunir esses ventos e depois direcioná-los para essas plumas para a fundição do minério de cobre. Então ele disse que este foi o primeiro alto-forno da história, na área de Ezion-Géber . Na sua bibliografia na página 11, você tem dois artigos lá de Nelson Glueck . O primeiro é “A Segunda Campanha em Ezion-geber em 1939”. Foi publicado no *Boletim da Sociedade Americana*

de Pesquisa Oriental (BASOR). Aqui está o que ele disse naquele artigo: “ Ezion-geber foi o resultado de um planejamento cuidadoso e foi construído como uma instalação modelo com notável habilidade arquitetônica e técnica. Na verdade, praticamente toda a cidade de Ezion-Geber , tendo em conta o local e a época, era um local industrial fenomenal, sem nada que pudesse ser comparado em toda a história do antigo Oriente. Ezion-Geber era a Pittsburgh da antiga Palestina e, ao mesmo tempo, é o porto marítimo mais importante.” Então, ele encontrou este edifício e tirou essa conclusão, que foi então adotada em muitos dos manuais de arqueologia bíblica, confirmando que a atividade comercial de Salomão estava centrada em Ezion-Géber . Fica logo ao norte de Elat , mas o comércio sem dúvida se dirigia para o leste através do Mar Vermelho.

Portanto, pensou-se que isso lançava luz sobre 1 Reis 9:26, onde diz que Salomão fez esta frota de navios em Ezion-Géber . Ele deve ter negociado cobre, levando -o para o sul e para o leste e depois trazendo-o de volta. Veja o capítulo 10 de 1 Reis, versículo 21: “ Todas as taças do rei Salomão eram de ouro, e todos os utensílios domésticos do Palácio da Floresta do Líbano eram de ouro puro. Nada era feito de prata, porque a prata era considerada de pouco valor nos dias de Salomão. O rei tinha uma frota de navios mercantes no mar junto com os navios de Hiram. Uma vez a cada três anos voltava trazendo ouro, prata e marfim, além de macacos e babuínos. O Rei Salomão era maior em riquezas e sabedoria do que todos os outros reis da terra.” Aparentemente ele estava trocando o cobre por muitas dessas outras coisas.

Bem, ainda pode ser o caso, que se tratava de um comércio de cobre envolvido em Ezion-Géber . Mas o que mudou foi a interpretação original daquele livro sobre o uso do edifício, que mais tarde ele modificou completamente. No segundo artigo aqui, “ Ezion-geber ”, escrito em 1965 e publicado no *The Biblical Archaeologist*, ele diz que ele e outros agora pensam que os buracos na parede deste edifício são meramente o resultado da decomposição ou da queima de madeira. feixes. Eles foram colocados lá para fixar a viga na parede. Ele diz que esse tipo de construção já foi encontrada em vários outros lugares. Comparando isso com outros lugares que surgiram, a conclusão é bem diferente. Ele achava que a fundição do cobre era feita de uma maneira bem diferente, em pequenos

cadinhos aquecidos em fogos de carvão que produziam apenas pequenos botões de cobre. Este é um método bastante primitivo. Havia cobre que era produzido lá e ele mesmo ainda preenche os pontos, mas nada como esse alto-forno de que ouvi falar em seu relatório original.

Mais recentemente ainda, em 1972, um homem chamado Beno Rothenberg (é a entrada no final da página 11) escreveu este livro, *Timnah : o Vale da Mina de Cobre Bíblica*. Ele conclui, com base em escavações na mesma área, que a atividade de mineração estava restrita aos séculos XIV^a a XII^{a.C.} Agora, se você refletir sobre isso por um minuto, isso significa que Salomão não estava envolvido no comércio de cobre, porque Os séculos 14 a 12^{seriam} a era mosaica, não a época de Salomão. Rothenberg diz que não há qualquer evidência de quaisquer atividades de mineração e fundição de cobre na Arabá Ocidental posteriores ao século XII^{a.C.}, até à renovação da indústria no período romano. Assim, desde o século XII^{até} ao período romano, ele disse que não houve atividade na fundição de cobre. No entanto, veja o artigo de J. Bimson : (está no meio da página 11) “As Minas do Rei Salomão? Uma reavaliação das descobertas na Arabah” - *Tyndale Bulletin* 1981. Bimson interage com o material de Rothenberg. E naquele artigo que está listado lá, ele defende sua própria conclusão, e vou citá-lo, ele diz: “A atribuição da atividade de mineração e fundição em Arabá na época de Salomão foi descartada muito prontamente. Na reavaliação da história da mineração na Arabah, as datas de radiocarbono exigem agora [que] a atividade salomônica lute mais fortemente por um lugar.”

Agora, não vou tentar resolver a questão de saber se Salomão estava envolvido na fundição de cobre ou não; chega a ser uma discussão muito técnica. O que estou tentando ilustrar aqui é a questão da natureza experimental da interpretação dos dados arqueológicos. Temos Glueck avançando forte e depois mudando sua posição e então Rothenberg chega com uma posição totalmente diferente, Bimson chega com uma que restaura a ideia de que Solomon estava lá, e há muito espaço para debate sobre como para entender quais são as evidências. Esse é frequentemente o caso com descobertas arqueológicas. Estas duas coisas ajudam a fornecer uma perspectiva: a natureza

fragmentária das provas, primeiro, para que não concluamos algo que é suspeito simplesmente porque não é corroborado, e em segundo lugar, a natureza provisória da interpretação das provas em muitos casos. Depende do caso, mas em algo como um prédio com buracos na parede, você está fazendo conjecturas. E com esse tipo de evidência é preciso ter muito cuidado. A pesquisa arqueológica, como qualquer outro empreendimento humano, está sujeita a erros. Os arqueólogos podem cometer erros.

Não creio que Glueck estivesse sob pressão. Acho que o tipo de estrutura que estava lá, pelo menos do meu entendimento das evidências, foi descoberto que não existia em outros lugares e então ele inicialmente pensou que era uma estrutura única. Provou que não era assim e essa foi realmente a chave de toda a sua teoria. Não creio que tenha sido apenas pressão de outras pessoas. Nesse caso, você sabe que precisa estar presente, especialmente com pessoas que têm preconceito contra a confiabilidade bíblica e assim por diante. Foi mais ou menos na mesma época em que o segundo artigo de Glueck foi publicado, mais ou menos naquela época, em 1965. Pelo que li, parece haver um consenso geral de que o prédio não era um forno de fundição. Há também uma seção no Egito e uma seção na Jordânia que chega lá – todas elas chegam lá juntas e você pode estar em cada um desses três países a uma distância de cerca de um quilômetro, provavelmente, no máximo. Acho que deveríamos apreciar e utilizar a luz que a arqueologia lança sobre as Escrituras, porque ela contribuiu muito para iluminar as Escrituras e nos ajudar a compreender o contexto cultural do Antigo Testamento muito melhor hoje do que o fazíamos antes das descobertas da pesquisa arqueológica. Há muito valor e devemos apreciá-lo e utilizá-lo. Mas precisamos de ter em mente a sua incompletude e a natureza provisória de muitas das suas descobertas e ter cuidado na forma como dizemos que a sua leitura prova ou refuta a Bíblia.

Recursos Arqueológicos: BAR... Vamos ao numeral romano V. Eu recomendo fortemente a leitura de periódicos sobre arqueologia bíblica. Existem diversas publicações, mas eu recomendaria a leitura *da Biblical Archaeology Review*. Não sei se você está familiarizado com isso, mas a *Bible Review* é publicada pelas mesmas pessoas

que a publicam. Eles lançaram aquela *Revisão Arqueológica Bíblica* e foi bastante bem sucedida porque é uma publicação bastante atraente, tem diagramas, mais imagens coloridas, um tipo popular de texto e inserções e assuntos não abordados com muita frequência. De uma perspectiva muito conservadora, esse é o problema, mas é uma enorme fonte de informação sobre o que está acontecendo arqueologicamente e no Oriente Próximo, então acho que é uma boa leitura agora. Acho que eles fizeram algo bom, então lançaram a *Revisão da Bíblia*, que não é apenas arqueologia – tem a ver com discussão de interpretação bíblica e história em geral, e em teologia. A inclinação é bastante liberal, mas é feita de uma forma atraente e muito legível. *Biblical Archaeology Review* é uma publicação mais recente em comparação com o *Biblical Archaeologist*. O *Arqueólogo Bíblico* vem de longa data e durante anos foi o padrão para a arqueologia bíblica. Foi uma publicação mais técnica. Seu formato não era tão atrativo: costumava ser publicado sem muitas fotos e em preto e branco. Para o leigo comum, não era apenas algo que você pega e lê. Quando a *Revisão de Arqueologia Bíblica* começou a ser publicada, praticamente descartou o *Arqueólogo Bíblico* até que eles reformulassem seu estilo. Eles criaram um estilo que é muito mais parecido com a *Revisão de Arqueologia Bíblica*, embora ainda não seja tão popular e seja ainda mais técnico. Mas essas duas revistas certamente valem a pena: a *Biblical Archaeologist* e a *Biblical Archaeology Review*.

Este tinha algo para ficar de olho. Eu tinha isso em minha maleta por causa deste artigo sobre mapas bíblicos. O quão confiáveis eles são está relacionado ao que estamos discutindo de certa forma: isso volta à identificação do site. Você lê na Bíblia que tal e tal aconteceu em determinado lugar e esse lugar deixou de existir. Há uma infinidade de pistas e montes. A questão é: que monte você identifica como aquele local bíblico? Como você fará isso? Este artigo aponta que há muitas conclusões provisórias nessa área.

Quanto à identificação do local, discutiremos isso mais tarde, quando chegarmos a Josué e particularmente ao local de Ai. Foi quando Josué subiu lá com o pecado de Acã e os israelitas foram derrotados. Então, eventualmente, eles tomaram Ai, mas os arqueólogos que escavaram aquele monte dizem que ele não estava ocupado durante o tempo de Josué. A coisa toda sobre a ocupação é confusa e provavelmente é uma história

sobre a conquista de Betel, porque Betel estava ocupada naquela época e Ai não, segundo os arqueólogos . Discutiremos isso com mais detalhes posteriormente. Estou inclinado a acreditar que se trata de um caso de identificação equivocada do site. O lugar que eles estão assumindo é Ai, não é Ai. Houve propostas para locais alternativos, e neste artigo sobre mapas bíblicos estou indo muito longe, mais uma vez para destacar a natureza experimental das descobertas arqueológicas.

Este sujeito discute o site de Tell Heshbon . Ele diz que Hesbom é mencionado em Números e que o trabalho arqueológico ali mostrou que contar Hesbom representa um dilema para aqueles que consideram o relato bíblico da conquista essencialmente pelo seu valor nominal. Datam a conquista como sendo do final da Idade do Bronze, mas a arqueologia não confirma isso. Depois ele comenta que muitos estudiosos que levaram a sério os resultados dos estudos críticos literários de Números 21-30 ao longo do século passado não ficaram surpresos com as descobertas arqueológicas de Tell Heshbon . Embora os críticos literários nem sempre tenham concordado com os detalhes, eles concluíram unanimemente que a parte narrativa de Números 21-30 pertence a uma linhagem editorial tardia. O poema citado nesta seção pertence à conquista israelita do falecido reino da Jordânia. Em outras palavras, a análise literária da passagem já havia levantado dúvidas quanto à sua confiabilidade para a reconstrução histórica. A escavação arqueológica simplesmente confirmou essas dúvidas. Agora veja, você entra no duplo problema da análise crítica literária combinada com a análise arqueológica, ambas negativas neste caso. Mas então o próximo parágrafo é o que me interessa, porque ele diz que é verdade que a análise literária requer algum grau de julgamento subjetivo. É certo que é desconcertante quando diferentes críticos literários que trabalham com o mesmo texto chegam a conclusões diferentes, como acontece frequentemente. Você não precisa ler muito na literatura para descobrir isso.

Mas então ele diz: “Não estou de modo algum convencido de que analisar um texto antigo com a mensagem de fonte, forma, crítica histórica e tradicional seja mais ou menos subjetivo do que escavar um quadrado de quatro metros e meio em uma colina. Ambas as abordagens envolvem procedimentos cuidadosamente elaborados, projetados

para garantir a objetividade, mas ambas exigem decisões criteriosas em quase todas as etapas do processo.” Em outras palavras, a questão é que, quando você faz crítica literária ou trabalho arqueológico, há julgamentos subjetivos a cada passo e você não pode evitá-los. Ele diz: “Se fosse possível que diferentes equipes arqueológicas escavassem novamente a mesma seção de uma colina repetidas vezes ao longo de um período de um século, e se o diretor nem sempre tivesse a palavra final nos relatórios de escavação, suspeito que o padrão de acordo geral seria aproximadamente o mesmo que tem sido com a pesquisa crítica literária e a Bíblia no século passado.” Em outras palavras, cada vez que você fizer isso você chegará a uma conclusão diferente – depende de quem é o diretor. Depende de como você faz esses julgamentos.

Com o trabalho acadêmico, esse princípio é difícil de excluir. Você chega a algo procurando por algo, e porque está procurando por algo que organize a maneira como você olha para a coisa e quais são suas conclusões, quais são as evidências e como você encaixa as coisas, é algo que você sempre terá. para lutar. Você tem que lutar com isso em sua teologia e na compilação das Escrituras. Você procura provas para isto ou aquilo ou outra coisa e provavelmente as encontrará.

V. Gênesis 11:27-Gênesis 50 Gênesis 11:27 Divisão Vamos passar para o período patriarcal, Gênesis 11:27 a Gênesis 50. Esta é uma nova seção principal. Primeiro, deixe-me apenas comentar sobre o ponto divisório em Gênesis 11:27, onde você tem aquela afirmação da qual falamos anteriormente: “Agora, estas são as gerações de”, e “aqui, agora, estas são as gerações de Terá”, e essa frase “estas são as gerações de.” Mencionamos que a primeira frase ocorre dez vezes no livro de Gênesis e é um importante ponto de divisão. Agora parece começar esta nova seção. O que nos interessa e o que se segue não tem tanto a ver com o que está antes, mas com o que surge dele. É sobre Abraão. Então chegamos ao ponto mais restrito neste ponto da história bíblica, porque antes de Gênesis 11:27 tínhamos uma história de toda a humanidade. Você começa com Adão, avança até o dilúvio e com Noé, começa tudo de novo. Dos três filhos de Noé toda a terra foi povoada, mas a partir deste ponto temos a história de uma família

particular que foi escolhida por Deus para receber a sua revelação e através da qual realizar a sua obra de revelação e redenção. Portanto, esse período universal aqui dá lugar ao período particularista. É realmente a terceira vez que Deus começa com uma família. Ele fez isso com Adão, fez isso com Noé, e agora, dentre todas as famílias, ele selecionou Abraão.

Autenticidade dos relatos patriarcais Quero discutir a autenticidade dos relatos patriarcais. No início deste século, nos círculos críticos, os patriarcas eram considerados apenas personalidades realmente lendárias, quatro personificações de tribos, não realmente indivíduos, certamente não pessoas históricas. Esse é o resultado da abordagem de Wellhausen e das pessoas que o seguiram. Houve uma certa reversão nesse tipo de atitude negativa. Há mais confiança hoje em geral na historicidade das narrativas patriarcais do que havia no início deste século. Basta comparar estas duas afirmações – tomo uma do próprio Wellhausen, onde ele diz: “Alcançamos conhecimento histórico dos patriarcas, mas apenas até ao momento em que as histórias sobre eles surgiram no povo israelita. Não aprendemos nada sobre a época patriarcal, aprendemos algo sobre a época em que Israel estava no exílio.” Ele diz que esta era posterior é inconscientemente projetada em suas características internas e externas na antiguidade, e é refletida ali como uma miragem glorificada. Não aprendemos nada de valor histórico sobre os tempos patriarcais com as narrativas patriarcais. Em vez disso, diz-nos algo sobre a época em que foi escrito, e não algo sobre a época que alegadamente regista.

Compare esse tipo de atitude com a de John Bright, que escreveu um volume que provavelmente é uma história padrão de Israel e é usado nos principais seminários denominacionais, *The History of Israel*, terceira edição. John Bright era professor de Antigo Testamento no Union Theological Seminary, na Virgínia. Você pode ler este livro com muito lucro; ele foi aluno de William F. Albright. Ele não é um estudioso evangélico, mas é muito mais conservador em suas atitudes do que os estudiosos alemães em geral, e certamente muito mais do que Wellhausen. Então, quando ele trata dessa questão sobre os patriarcas, na pág. 92 da sua terceira edição, ele diz: “As evidências até

agora induzidas nos dão todo o direito de afirmar que as narrativas patriarcais estão firmemente baseadas na história. Mas devemos parar por aí? Devemos considerar os patriarcas apenas como o reflexo de movimentos impessoais de clã? De jeito nenhum. Embora não possamos reconstruir as vidas de Abraão, Isaque e Jacó, podemos acreditar com segurança que eles foram indivíduos históricos reais.” Agora ele não vai dizer que os relatos patriarcais são historicamente totalmente confiáveis, mas ele percorreu um longo caminho desde Wellhausen e diz que podemos afirmar com segurança que eles eram indivíduos históricos. Agora, essa atitude mais positiva tem sido generalizada, particularmente neste país, mesmo entre acadêmicos críticos durante os últimos 25 anos ou mais.

Abordagem Minimalista da História Patriarcal: Thompson e Van Seters Mas , curiosamente, em tempos recentes esta questão tem sido novamente desafiada. Por outras palavras, houve quem quisesse voltar no tempo para a posição do velho Wellhausen. Na sua bibliografia há dois volumes cujos autores você deveria pelo menos saber os nomes. TL Thompson, *The Historicity of the Patriarchal Narratives* , publicado em Nova York e Berlim, 1974. J. Van Seters, *Abraham in History and Tradition* , editora da Universidade de Yale, 1975. Agora, esses dois livros foram escritos de forma independente e de perspectivas um tanto diferentes, mas ambos de eles, em essência, desafiam essa atitude mais positiva em relação à historicidade dos patriarcas, e são livros importantes.

Thompson argumenta que todas as evidências de Bright sobre a historicidade das narrativas patriarcais são baseadas em grande parte em evidências circunstanciais e não são convincentes para ele. Na página 328 de seu volume, Thompson diz: “A história da salvação não aconteceu. É uma forma literária que tem seu próprio contexto histórico. A Bíblia não menciona um Abraão histórico.” Essas são declarações radicais. Você pode ler as resenhas de livros como este. É uma coisa muito boa de se fazer; geralmente houve uma resposta bastante boa. No *Journal of Biblical Literature* , que é o periódico padrão para os círculos acadêmicos americanos e estudos bíblicos, o revisor que era um estudioso judeu disse: “O objetivo do livro é revisar os argumentos centrais sustentados

pelos estudiosos da Bíblia, em favor de da historicidade dos patriarcas em Gênesis. Na minha opinião, a revisão de Thompson equivale a uma refutação completa destes argumentos.” Em outras palavras, você pode dizer que todos os Bright e Albright e pessoas assim têm coisas mais positivas, Thompson vem e ataca as evidências nas quais isso se baseia. Este estudioso judeu diz: “Isso equivale a uma refutação desses argumentos”, e realmente faz o tempo voltar ao ceticismo da posição anterior. Na revista padrão da Inglaterra, *The Journal of Theological Studies*, publicada em Oxford ou Cambridge, JA Emerton diz: “Ele não provou que os Patriarcas não existiram, mas mostrou que a historicidade substancial das tradições sobre eles foram aceitos com muita facilidade por muitos estudiosos. É possível que o trabalho de Thompson introduza uma nova etapa no estudo de Abraão, Isaque e Jacó.” Cuidado, há um novo desafio. Acho que o júri ainda não decidiu sobre a direção que as coisas vão seguir. As pessoas vão seguir Thompson e van Seters de volta à posição muito mais cética? Ou as coisas vão continuar mais na linha de Bright, ou mesmo de Albright, com influência evangélica ou mesmo com uma atitude mais positiva do que essa? Não sei, acho que ainda está para ser visto.

Há, apenas para sua informação, um volume de ensaios escritos sobre esse assunto, escritos por estudiosos evangélicos. Há um em sua folha, com Miller e Wiseman como editores, *Essays on the Patriarchal Narratives*. É bastante recente e há muitos artigos bons nesse livro, que interagem com van Seters e TL Thompson. Portanto, há muita discussão acontecendo agora. Devo apenas dizer um aparte sobre TL Thompson: aquele livro foi publicado em quê? 1974. Deve ter sido por volta de 1975, eu estava aqui uma noite na biblioteca e um estudante veio até mim e disse que tinha acabado de conversar com alguém em outra parte da biblioteca que estudou Antigo Testamento em Tübingen, e eu pensei em ir encontrar o sujeito, então fui. Fui conversar com ele e tivemos uma conversa interessante. Descobri que o nome dele era TL Thompson, mas naquela época o livro tinha acabado de ser publicado e eu não sabia quem ele era, sabe. O nome não significava nada para mim, ele tinha acabado de chegar a esta área depois de estudar na Alemanha, e este livro era a sua dissertação. Sua esposa trabalhava na Temple University e eles moravam em um estacionamento de trailers. O nome de TL Thompson

não significou nada para mim até cerca de um ano depois, talvez nem tanto tempo depois. Talvez cerca de um mês depois eu tomei conhecimento de seu livro e então você sabe que havia histórias saindo deste livro e eu percebi quem ele era. Ele realmente escreveu um livro significativo e importante, quer você concorde ou não, mas estava usando nossa biblioteca para sua própria pesquisa. Acho que ele e a esposa trabalham na Universidade da Carolina do Norte ou em algum lugar parecido. Eles não estavam nessa área há muito tempo.

Nuzi , Mari e outros textos antigos e o período patriarcal

Bem, para voltar ao ponto de partida, houve uma inversão da seção desta tentativa de voltar a uma postura mais crítica por parte de Thompson e van Seters. Geralmente tem havido esta inversão e aquela inversão no sentido de uma atitude mais positiva em relação à historicidade dos patriarcas, que na verdade se deve à investigação arqueológica, apenas a partir de milhares de textos que foram descobertos naquela data aproximadamente ao mesmo tempo que as Narrativas Patriarcalis, e eles lançaram muita luz sobre o período. Deixe-me apenas com relação a esses textos fazer uma revisão para vocês das principais coleções. Os principais corpos de texto são primeiro os textos Nuzu e Mari sobre o século 18 a.C. Mari fica às margens do rio Eufrates, um pouco ao norte da Babilônia. Foi escavada pouco antes da Segunda Guerra Mundial pelos franceses e a cidade era uma grande potência de sua época por volta de 1.700 a.C. Agora, o período patriarcal, a época de Abraão, foi por volta de 2.000 a.C. Então, já estamos em algumas centenas de anos depois disso. , quase ao mesmo tempo que Jacob. Portanto, era uma grande potência de sua época antes de cair nas mãos de Hamurabi em uma batalha. Cerca de 20.000 tabuinhas foram encontradas no palácio, e entre elas você tem textos que contêm correspondência entre Hamurabi e Zimri Lim e outros reis. Você também tem textos sobre técnicas de adivinhação. Uma de suas técnicas era examinar os fígados e entranhas dos animais sacrificados e dependendo da configuração dos animais e do formato do fígado, esse tipo de coisa tinha um certo significado ou significado. Há várias

menções à cidade de Naor , que foi a casa de Rebeca nas Narrativas Patriarcais.

Então você tem esse grupo de textos, e depois você tem os textos da Capadócia, que são encontrados no canto oriental da Ásia Menor e datam do século 19^{aC}. Eles vêm de colônias de mercadores assírios, que realizavam comércio com o pessoas da Ásia Menor e que tinham assentamentos fora das cidades de lá.

O terceiro grupo são os textos de Nuzi , e eles aparecem um pouco mais tarde, no século XV^{aC}. Eles refletem os costumes da população hurrita em torno da área de Nuzi , na área do Tigre Oriental, por volta do século XV. Você lê nas páginas 65 e 67 de Finegan esses textos de Nuzi , que incluem discussões sobre coisas como leis de adoção de escravos, contratos de casamento, direitos de herança e costumes desse tipo, que correspondem bastante de perto a costumes semelhantes que são refletidos nas narrativas patriarcais.

O quarto são os textos de Ras Shamrah , séculos XV^e XIV · Finegan 171-174 . Eles foram descobertos em 1929 na costa da Síria, atual Líbano, um lugar chamado Ugarit. Eles são escritos em escrita cuneiforme. Cuneiforme é um tipo de escrita que envolve pressionar uma caneta na argila para fazer marcações. Eles são escritos em escrita cuneiforme, mas é uma língua alfabética semítica. E a língua era desconhecida antes de estes textos serem descobertos em 1929, quando foi decifrada e considerada uma língua semítica bastante relacionada com o hebraico bíblico. Assim, o estudo do ugarítico tornou-se um estudo novo, e os estudos linguísticos de alguns desses textos lançaram luz sobre certas características gramaticais, bem como problemas de vocabulário em hebraico, porque são línguas relacionadas.

O quinto grupo são os textos de Execração, que vêm do Egito nos séculos 20^e 19^{aC} e ilustram como o Faraó procurou exercer poderes mágicos sobre seus inimigos. A maneira como isso era feito era inscrever imprecações ou maldições nas tigelas, e então as tigelas eram quebradas. Às vezes, essas imprecações eram escritas em estatuetas de barro de cativos presos. Mas nessas inscrições há muitos lugares mencionados na terra de Canaã que dão uma idéia da extensão da esfera de influência egípcia até a terra de Canaã nos séculos 20^e 19^{aC}. Textos

de Ebla. E depois o sexto, os textos de Ebla, por volta do século 24^{aC}. Se você quiser ler algo sobre isso, não tenho na bibliografia, mas KA Kitchen tem um livro *A Bíblia em seu mundo: a Bíblia e a arqueologia hoje*. Há um capítulo sobre Ebla, e Ebla, claro, é algo bastante recente e não há muito que possa ser dito sobre isso, porque muito pouco ou nada foi publicado ainda a partir dos textos de Ebla. Deixe-me contar um pouco sobre eles. Eles foram encontrados em um lugar chamado Tel Mardikh, que fica ao norte e oeste de Beirute, atual Síria. O monte que foi escavado ali foi identificado como Ebla em 1968. Havia um monte que estava lá, é claro, há séculos e ninguém sabia exatamente o que era. Foi identificado em 1968 como um lugar chamado Ebla e em 1975 foram encontradas dezessete mil tabuinhas cuneiformes nas ruínas de um palácio. Foi determinado que o palácio foi destruído por volta de 2.250 AC. Isso aconteceria alguns séculos antes do período patriarcal. Agora, alguns disseram que esta é a maior descoberta arqueológica do século. Muitas coisas superlativas foram ditas sobre o significado e a importância das tabuinhas de Ebla. As tabuinhas revelam um império que dominava grande parte do Oriente Médio naquela época, por volta do século 24^{aC}, e que era até então desconhecido. Foi um grande império. Entre os textos, aparecem nas tabuinhas cidades e nomes de pessoas que se encontram na Bíblia, incluindo lugares como Sodoma e Gomorra e nomes como Éber e Abraão. Não que o Abraão ali seja o mesmo que o Abraão da Bíblia, mas o nome do indivíduo Abraão ocorre. Além de textos administrativos, de coisas governamentais, diz-se que existem textos literários, incluindo mitos da criação e do dilúvio, hinos e textos de tratados, e todo tipo de material desse tipo. Nem tudo foi publicado e o acesso a ele é muito limitado. As pessoas que têm acesso são muito cuidadosas para não fazer com que o governo sírio se volte contra elas, pois há demasiada ligação bíblica com os antecedentes judaicos que estão envolvidos no estudo destas coisas, por isso não dizem muito. É difícil saber quando isso pode mudar. Pode demorar muito. As pessoas com acesso aos textos parecem estar a minimizar a relação dos textos com o Antigo Testamento, provavelmente por razões políticas. Mas, só para concluir, deste conjunto de materiais, há muito material, tornou-se evidente que os

costumes patriarcais, tal como descritos no Gênesis, são próximos daqueles refletidos nos textos do segundo milênio aC. sobre eles se reflete nas narrativas patriarcais. E em segundo lugar, e isto pode ser ainda mais importante, os primeiros nomes hebraicos enquadram-se numa classe de nomes que se sabe terem sido correntes na Palestina mesopotâmica no segundo milênio a.C., e particularmente na primeira parte deste.

Nomes Patriarcais

Agora, nesse sentido, deixe-me ler para você Bright, sua *História de Israel*, páginas 77 e 78. “Os nomes nas narrativas patriarcais se encaixam perfeitamente em uma classe conhecida por ter sido corrente tanto na Mesopotâmia quanto na Palestina no segundo milênio. Por exemplo, os nomes dos próprios patriarcas, Jacó, ocorrem em um texto do século XVIII^{da} Alta Mesopotâmia. O nome Abrão é conhecido no texto babilônico da primeira dinastia, possivelmente nos textos da Execração. Embora o nome Issac não seja citado e Joseph aparentemente não, ambos são de um tipo antigo totalmente característico. Além disso, os nomes Nahor e Terah e os nomes dos filhos de Jacó e Benjamim aparecem nos textos de Mari. O nome Zebulun ocorre no texto da Execração. Gad e Dan são conhecidos de Mari. Ismael e talvez Levi ocorrem em Mari. Aser e Issacar são encontrados em listas egípcias do século XVIII.” E então ele diz: “A isto devem ser acrescentados os textos de Ebla onde, segundo nos dizem, são encontrados numerosos nomes pessoais da Bíblia: Eber Abrão, Ismael, Saul, David, Israel, bem como outros. Agora”, conclui ele, “para ter certeza, em nenhum desses casos provavelmente temos a menção de patriarcas bíblicos. Mas a profusão de tais nomes em textos contemporâneos mostra claramente que a Alta Mesopotâmia e o Norte da Síria continham de facto uma população semelhante aos antepassados de Israel na Idade Média do Bronze e séculos antes. Isto tanto reforça a confiança na antiguidade da tradição como acrescenta verossimilhança à afirmação da Bíblia de que os antepassados de Israel tinham migrado desta área geral.” Mas então uma afirmação significativa é: “Os nomes são de um tipo antigo. Certamente não são característicos da nomenclatura israelita posterior.” Em outras palavras, a nomenclatura israelita posterior significa que este material foi escrito no

Exílio.

Ele diz: “Nenhum dos nomes é dos próprios patriarcas e muito poucos dos nomes das pessoas envolvidas com eles ocorrem novamente como nomes próprios em Israel durante o período bíblico”. Quero dizer, você não encontra Abraão mais tarde nas Escrituras. Então ele diz: “As narrativas patriarcais a este respeito são muito autênticas”. Então é esse tipo de coisa que Allan MacRae fala, o tipo de corroboração direta e indireta. Isso é indireto, não direto. Mas, dessa forma geral, as narrativas patriarcais ajustam-se ao tempo em que representam ser.

Transcrito por Laura King e Derek Skeen, Ruben Cabrera, Dave Fogg, Ben Watts, Kate Tortland
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Emily MacAdam
Renarrado por Ted Hildebrandt